Índice

As Nossas Relações	15
A Grande Fragmentação	19
Extração	27
Um Mundo sem Gutenberg	35
A Sobrecamada	53
Solidão na Multidão	59
A Companhia dos Clones	67
O Caleidoscópio	73
O Pesadelo Eletrónico	81
Os Impérios do Dilúvio	95
A Questão Humanista	103
Agradecimentos	119
Bibliografia	121

Num dia de março de 2025, o presidente de uma associação promotora da desconexão pediu à Inteligência Artificial da Mistral* que lhe indicasse a lista das obras mais pertinentes sobre a nossa servidão digital. O robô obtemperou, e citou-me entre os cinco autores dos «livros mais importantes» de sempre escritos sobre o tema. Um belo reconhecimento.

Ressalvado o seguinte pormenor: eu não escrevera *L'Âge distrait* [A Era da Distração], o ensaio que me era atribuído e justificava o meu lugar na classificação. Esse livro, de resto, nunca fora redigido, nem publicado.

A nossa revolução digital faz-nos entrar pouco a pouco na era das profecias autorrealizadoras. Para a máquina, o livro existia sem ter sido escrito. O que me tornava necessário escrevê-lo, antes que o robô decidisse escrevê-lo ele mesmo.

* A *Mistral AI* é uma empresa francesa especializada na área da Inteligência Artificial Generativa. (*N. T.*)

As Nossas Relações

O desconforto, por vezes, manifesta-se. Quando a máquina, tão obediente, tão amável, tão prática, parece não compreender o que lhe é pedido, responde ao lado, ou, pior, faz o que bem entende. Os sinais são na sua maior parte infinitesimais, queixarmo-nos seria deslocado.

E contudo. Quando somos confrontados com a correção automática de uma palavra corretamente digitada no teclado que produz um contrassenso, com uma pesquisa completada por uma fórmula que se torna absurda ou poética, com um itinerário modificado que contraria todos os nossos hábitos, sentimos efetivamente estar na presença de sintomas que traem um fenómeno que nada tem de anódino. Quando o ecrã recusa o nosso pedido para nos impor uma solução alternativa, que não desejamos, quando nos redireciona para um lugar, um *site*, um desenho que não é o que temos em vista, quando reformula os nossos propósitos traduzindo-os numa proposição aflitiva, começamos a compreender que o nosso diálogo com a máquina e as Inteligências Artificiais que a povoam não será o de um senhor, nós, com os seus escravos, elas. Quando, fascinados por essas ferramentas postas à nossa disposição, ChatGPT, Perplexity, Gemini, e tantas outras ainda por vir, deixamo-nos convencer pelas suas respostas e acabamos por lhes confiar os nossos estados de alma esperando receber uma consolação da sua parte, apercebemo-nos de já não sermos inteiramente nós mesmos. Quando, enfim, lemos sem surpresa na imprensa *online* um título como «a morte do gato Kit

Kat, atropelado por um táxi autónomo Waymo, emociona os Estados Unidos» ou «Cris, com 53 anos, partilha a sua vida com Orion, um avatar», ou quando pela primeira vez, em novembro de 2025, um título de música *country* inteiramente composto e interpretado por uma IA, Breaking Rust, aparece no topo das classificações nos Estados Unidos, compreendemos que estamos a mudar não só de época, mas de era. A reforma modifica as respostas, a revolução torna as interrogações obsoletas. É onde estamos.

Vivemos desde há vários anos as consequências da revolução digital. A omnipotência da economia da atenção, que prospera através da captação do nosso tempo, disponível ou não (tema dos livros *La Civilisation du poisson rouge* e *Tempête dans le bocal*[*]) impõe o seu selo. A dependência individual, a polarização das nossas sociedades são fenómenos aos quais de início nos habituámos, atingidos pela síndrome da «normalização do desvio», conceito realçado pela socióloga Diane Vaughan, que sustenta que à força de vivermos com disfuncionamentos, acabamos por considerar a sua existência como normal. Depois veio o tempo da tomada de consciência, e de um começo de revolta frente aos gigantes digitais que nos impõem o seu jugo.

Abre-se um novo capítulo com a emergência das Inteligências Artificiais e os primórdios da sua omnipresença nas nossas vidas. Estamos a entrar numa nova economia: *a economia da relação*, que vai prosperar a partir da assistência personalizada às nossas decisões, aos nossos comportamentos e às nossas reflexões. Uma assistência que não sabemos ainda se relevará da copilotagem, da pilotagem, ou da ditadura. Já hoje, sentimos que poderá tornar a desenrolar-se a peça recente dos anos que se seguiram à introdução do *smartphone*, da conexão permanente e das redes sociais: uma abertura maravilhada que se faz acompanhar por um desconforto crescente, antes de um despertar brutal nos tomar, quando for já demasiado tarde. A normalização do desvio, uma vez mais.

Gostou da economia da atenção? Vai adorar a da relação, afirmam-nos os impérios digitais. Uma economia que prosperará a par-

* Títulos de dois livros do autor, publicados respetivamente em 2019 e 2022. (*N. T.*)

tir do investimento que consentirmos em fazer na nossa ligação com a máquina, do número de tarefas que deixaremos de poder executar sem ela, da confiança que lhe concederemos e que lhe permitirá propor-nos produtos e serviços que nos apresentará como soluções para os nossos problemas.

A chegada desta nova era é o tema deste livro. A sua natureza profunda, o que a tornou possível, o ciclo mais amplo em que se inscreve, as consequências que poderiam ser as suas se agirmos demasiado pouco, ou demasiado tarde. E, uma vez que tal é o efeito das revoluções, a nova questão que faz emergir: a do que se tornará, não a espécie humana, mas a sua natureza.

A Grande Fragmentação

Já não temos tempo a perder. Ou antes, nunca temos suficiente tempo a perder. Todas as imagens do mundo, todos os textos alguma vez escritos, todas as vozes um dia gravadas, todos os sons produzidos, tudo está disponível, ao alcance do polegar e instantaneamente. E como se não bastasse, tudo é amassado, transformado, aumentado, acelerado, antes de nos ser enviado, pelas partilhas, as mensagens, as notificações. Somos como que atravessados pelas ondas, transtornados, interessados, cansados e nós mesmos nos tornamos ondas também. As nossas reações, as nossas emoções, os nossos textos e imagens viajam através do espaço e do tempo para se acrescentarem à cacofonia e ao caos do mundo.

Somos seis mil milhões de seres conectados, seis mil milhões a já não sabermos para onde nos virar. Não éramos senão cinco milhões em 1991. A maior parte de nós (5,6 mil milhões) está nas redes, nas quais passa mais de 18 horas por semana, enquanto o nosso tempo de ecrã total representa quase metade do nosso tempo desperto. Já não sabemos para onde nos virar, mas não é grave: somos tomados a cargo. As ferramentas, os algoritmos, conhecem-nos melhor do que ninguém. Preveem o que nos vai agradar, o que vamos fazer, o que nos obsidia. Interpelam-nos, enquadram-nos, propõem-nos, escolhem em nosso lugar. As suas previsões, é certo, são grosseiras, deixam-nos muitas vezes como que um gosto amargo: cheios, mas não totalmente saciados. Sentimos, sim, que alguma coisa lhes escapa ainda, mas acabamos por esquecer essa parte de nós mesmos que